

O sonho romântico de "Werther"

ANTÔNIO GONÇALVES FILHO
Quando o romântico poeta Werther, clássica criação de Goethe, tentar suicídio, pela enésima vez, na ópera homônima de Massenet, hoje à noite, o Teatro Municipal poderá estar presenciando o nascimento do embrião da futura Ópera de São Paulo, projeto ambicioso que pretende elevar a ex-metrópole do café à condição já desfrutada por cidades como Nova York e Milão. Os cétricos — é provável que existam às centenas — aproveitarão o episódio para uma boutade que relacionará a triste obsessão tanatológica do jovem alemão do século 18 com o harakiri operístico do Departamento de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura, a julgar pelos panfletos críticos que circularam na última temporada lírica, simplesmente arasadores.

De qualquer modo, mesmo sem verbas, a deste ano se realizará, reunindo num pacote tetralógico o romântico Massenet, o debochado Carl Orff, o reverente Manuel de Falla e o apocalíptico Richard Wagner, numa saison que se inicia hoje e só termina no final de dezembro. Milagre ou não, com menos de Cr\$ 100 milhões o Municipal assistirá a "Werther", "Carmina Burana", "La Vida Breve" e "O Navio Fantasma", tendo, de quebra, a presença do tenor Franco Bonanome na ópera de abertura, ele que é considerado a nova revelação do canto lírico italiano e eventual doublé de Luciano Pavarotti, em sua apresentação na Ópera de Paris.

Não será Bonanome, porém, o único superastro a desfilar pela ópera de São Paulo, que promete trazer, no futuro, gente do nível para ministrar cursos ao corpo estável lírico do Municipal. Para isso, o maestro Tullio Colacioppo, regente e diretor musical de "Werther", esteve recentemente na Itália, estabelecendo contatos para um convênio entre as óperas de São Paulo e Milão, a ser assinado no próximo mês de outubro. Foi Colacioppo quem convidou Bonanome para esta remontagem de "Werther" (a ópera já foi apresentada, em São Paulo, na temporada de 1979), conseguindo que o tenor cantasse por um quarto do cachê normalmente pago em Nice, Stuttgart e Dallas, cidades por onde passará, após a temporada paulistana.

Não é certo, entretanto, computar, à ópera de Massenet igual importância. O livro de Goethe foi transformado numa ópera extremamente light, onde Charlotte, a amada de Werther, mais parece uma débil mental que nega seu amor casando-se com outro, por promessa feita à mãe. A escolha da ópera inaugural, justifica Colacioppo, foi condicionada mais por motivos técnicos do que propriamente por falta de dinheiro, embora isso não se aplique às outras óperas da temporada ("O Navio Fantasma", por exemplo, é uma produção cara, mas nem tanto quanto "Thannhauser", cogitada para montagem e descartada por exigir um investimento a fundo perdido). Detalhando: "Werther" já estava praticamente montada, sofrendo apenas algumas alterações na cenotécnica.

Evoque-se, também, que o Departamento de Teatros espera outra espécie de crítica, por uma inovação que chocará, com certeza, os puristas. Colocará, na ópera, a voz do ator David José para narrar, a cada início dos quatro atos, o enredo da obra de Massenet. "Pode parecer didático" — esclarece Max Altman, diretor do Departamento de Teatros — "mas o que se pretende é criar um novo público para a ópera".

Esse objetivo, ao que parece, não está muito distante do extinto Projeto Pró-Ópera, criado na gestão anterior da Secretaria de Cultura, embora Altman negue essa semelhança. "Não é Pró. Agora teremos, efetivamente, uma Ópera em São Paulo. Criaremos uma central de produções, onde serão montadas réplicas dos cenários para ensaios, não ocupando, durante todo o tempo, o Municipal. Teremos um corpo lírico estável e trabalho constante para os técnicos, já que, a partir de 84, a ópera ocupará quase todos os meses o teatro, e não apenas numa curta temporada. E, finalmente, através de convênio com o Municipal do Rio, traremos as produções cariocas — que já incluem o balé "Gabriela" (de 26 de setembro a 2 de outubro),



Fernando Peixoto dirigirá Wagner

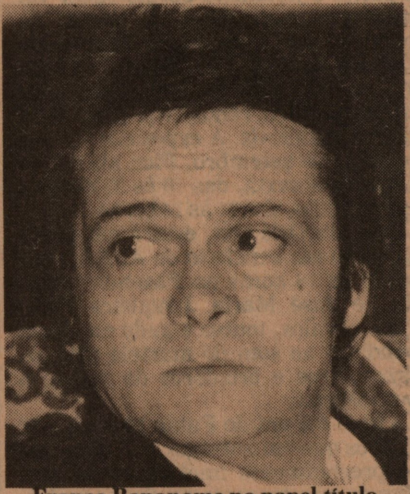


Colacioppo: pechinchando o cachê

Com a estréia da ópera de Massenet hoje à noite no Teatro Municipal, inicia-se o Projeto Ópera de São Paulo, que se estenderá até dezembro, incluindo três outras montagens



Massenet: uma ópera leve demais em relação ao tema



Franco Bonanome no papel-título



Altman: nada a ver com o Pró-Ópera

As indefinições do Municipal

ENIO SQUEFF

Mais de cinquenta mil pessoas foram às réctas das óperas no ano passado. É um número expressivo; levando-se em conta a população de São Paulo, não se pode concluir que vivamos numa cidade operística por excelência. Mas dos 12 milhões de paulistanos, uns 80% não devem saber onde fica o Teatro Municipal. Pelos poucos que vão a concertos, fica o fato evidente de que a ópera continua um espetáculo popular.

Por aí se pode chegar a algumas conclusões, independentemente do sucesso ou não de "Werther" que se inicia hoje. Não sei de onde tirar o preconceito de certos meios de comunicação em relação a um espetáculo que, como a música caipira (sem comparações, é claro) tem um público insuspeito. Mas a má vontade existe e, com ela, a resistência do outro lado. No Rio de Janeiro achou-se por bem que o Municipal só deveria deixar de ser elitista se programasse a cantora Clementina de Jesus. Depois disso, o teatro que continuasse fechado ao povo. Não é um exemplo a ser seguido.

Mas há outros problemas. O maior deles é o tamanho do Municipal. Forçoso reconhecer que cumpriria sua finalidade se se dedicasse a montar muito mais óperas; foi construído para isso; o desperdício está em que não seja aproveitado exatamente para preencher suas funções. Mas o Municipal, como as salas de concerto de São Paulo, é muito pequeno. Como sala de con-

certos o Cultura Artística é a melhor de São Paulo. Sua acústica é muito boa; mas não é a grande sala de que a cidade precisa.

Resta o Municipal com seus 1800 lugares. Mas que também não preenche suas finalidades. Há um teatro em fase de conclusão que o governo do Estado praticamente abandonou há anos e que serviria para preencher esta lacuna. Refiro-me ao Centro Cultural projetado durante a gestão do governo Paulo Egidio na Cidade Universitária. Foi iniciado pelo então secretário de Cultura José Mindlin e abandonado durante o governo Maluf. Segundo o projeto o centro que se localiza na entrada da Cidade Universitária comporta dois teatros: um para dois mil, outro para três mil pessoas. Seria o que São Paulo está precisando com o inconveniente do local. Pois a cidade Universitária, de resto, é um problema. Há pouco ouvi no Anfiteatro da USP um concerto com a orquestra do Departamento de Música de ECA. Havia até mais de que meia casa no Anfiteatro. Foi quase um milagre. Tenho comigo que, como casa de espetáculos, o Anfiteatro da USP é até razoável: não possui uma acústica muito ruim. Mas devido à distância, acho que poderia ser o lugar ideal para congressos de algum partido considerado ilegal pelas "democráticas" leis brasileiras. É provável que a Polícia Federal não tomasse conhecimento. Ou seja, a localização deste futuro teatro desejável é também fundamental.

"Ballo in Maschera" e "Madame Butterfly" —, mandando para lá as óperas "Wozzeck" (em 83) e "O Navio Fantasma" (em 84)".

Nacionais e importados

A idéia é aproveitar todos os corpos estáveis do Municipal no projeto de criação da uÓpera de São Paulo. Assim, já de início, optou-se pela montagem de "Carmina Burana" (de 22 a 31 de outubro), que será apresentada conforme concebeu seu autor, Carl Orff, e não como normalmente as montagens econômicas o fazem (cantos profanos em forma de oratório), além de "La Vida Breve" (no mesmo programa de "Carmina"), de Manuel de Falla, ambas com a participação do Balé da Cidade. No caso dessa última, convidou-se o maestro espanhol Eugênio Marco para a regência, por ser o régisseur especialista em de Falla. "O Navio Fantasma", porém, será a prova dos nove do empreendimento. De complexa montagem, a ópera de Wagner será apresentada em oito réctas (de 14 a 22 de dezembro), com

direção musical e regência de Isaac Karabtshevsky, direção de cena de Fernando Peixoto, cenários e figurinos de Hélio Eichbauer e tendo como solistas os alemães Boris Bakow (baixo), Ingrid Haulbold (soprano), Volker Horn (tenor) e Adalbert Walter (barítono). O elenco é formado, ainda, pelos brasileiros Carmo Barbosa, a meia-soprano Odette Violani e Zuinglio Faustini.

"Acho que, agora, poderemos encerrar a ópera como trabalho, e não como hobby, diz o tenor Claudimir Aére, que estreou como solista no Projeto Pró-Ópera (cantando em "Oedipus Rex"), concluindo que a de São Paulo "não pode prescindir da presença dos estrangeiros, com os quais aprendemos muito. Mas, ao criar dois elencos e pretendendo a ocupação permanente do corpo estável do Municipal, poderemos, enfim, pensar em fazer do canto lírico uma profissão". Ao menos, Aére já conta com o apoio do romano Bonanome. "Ele tem uma voz belíssima, tanto quanto eu gostaria de ter. Só que precisa de treino".

Uma temporada patética

SÍLVIO LANCELOTTI

Inicia-se hoje, no Teatro Municipal, a mais inconsistente e patética temporada lírica das últimas décadas em São Paulo. Até o final do ano a cidade terá o desprazer de conviver com apenas duas óperas não italianas, um desrespeito atroz para com as tradições do teatro. Pior. A primeira delas, "Werther", do francês Jules Massenet, não passa de uma remontagem de 1979. A segunda, "O Navio Fantasma", do alemão Richard Wagner, virá prontinha do Rio de Janeiro.

Tudo bem, tudo bem, a prefeitura paulistana programou, para o intervalo que irá separar o "Werther" do "Navio", mais duas encenações, digamos assim, interessantes e até certo ponto inesperadas nos entornos da comunidade operística de São Paulo: "La Vida Breve", do espanhol Manuel De Falla, e a cantata teatralizada do alemão Carl Orff, a "Carmina Burana." De óperas, porém, ambas só possuem o enredo ridículamente melodramático da "Vida Breve" e certos jogos harmônicos da "Carmina."

Uma pena que, em perto de cinco meses de poder na Secretaria Municipal de Cultura, o brilhante desenhista e gastrônomo Fábio Magalhães não tenha compreendido a importância assumida, nos últimos três anos, por um projeto que começou claudicante mas fechou orgulhosamente a gestão do poeta Mário Chamie à frente da pasta. Refiro-me ao Pró-Ópera, que tanto critiquei enquanto não funcionava — mas que cresceu e fermentou de modo admirável até ser arquivado grotescamente após a vitória do PMDB no Estado. Asseguram Magalhães e Max Altmann, o diretor do Departamento de Teatros da municipalidade, que exagero ao formular tal raciocínio. Semanas atrás, um e outro me disseram, pessoalmente, que o projeto prosseguiria.

Pasmaram-se, inclusive, ao se informarem de que o Pró-Ópera não nascera, ahn, de um sínédrio de infames pedessistas — mas sim de uma comissão apolítica de apaixonados pelo canto lírico, músicos e jornalistas, dentre eles o humorista que vos fala. Finalmente me explicaram que o Pró-Ópera apenas mudara de nome, visto que o nobre maestro Armando Belardi lhes contara que em São Paulo já existia a tal da ópera desde o século passado.

Por respeito a Max Altmann, a quem conheci na ocasião, e por afeto a Fabinho Magalhães, de quem me

considero honrosamente um amigo, sustentei o riso ao escutar a justificativa. A história, saísse da boca de um de meus filhos, redundaria em castigo imediato. Soltou uma peta, garotão? Um sábado sem futebol. Brincou de dizer lorota, menininha? Um domingo sem ver os Trapalhões na TV...

Santa ceia, não posso crer que Fábio Magalhães e Max Altmann, pessoas lúcidas e competentes, aterrassem de forma tão desajeitada no pecado da ingenuidade. Antes de mais nada, não é preciso recorrer ao maestro Belardi, grande figura a quem a ópera deve bastante neste país, sejamos justos, não é preciso recorrer ao maestro Belardi para ficar sabendo que existe o canto lírico em São Paulo desde o século passado.

Depois, "sacré bleu", que custava aceitar, mesmo que às escondidas, discretamente, o fato de que o Pró-Ópera, embora fundado numa administração pedessista, era de fato uma ótima idéia?

Parênteses: nunca votei para presidente da República; mas também nunca votei na Arena ou no PDS. Minha peroração surge da necessidade de defender a ópera e picuinhas e plitiques que jamais poderiam trafegar nas fronteiras da arte e da cultura. O Pró-Ópera, sim, foi interrompido. E a prova desse retrocesso está na fragilidade absurda da temporada que hoje se inaugura, uma temporada de muletas.

Jules Massenet e Goethe, o magnífico escrivinhador que inventou os amores de "Werther", de qualquer modo, não tem nada a ver com Mário Chamie, Fábio Magalhães e Max Altmann e suas diferenças eventuais. Por isso, aconselho com prazer: que o público encha o Municipal. O regente Tullio Colacioppo é muito competente no lirismo. O diretor de cena Fernando Peixoto é um profissional extraordinário em seu ramo e em inúmeros outros segmentos que exigem sensibilidade e inteligência.

O elenco da ópera está recheado de intérpretes de primeiríssima classe: Graciela Araya Altamirano Eduardo Alvares, André Ramus, Luis Oréfica, Wilson Carrara, Odette Violani. A melodia de Massenet é linda e emocionante, especialmente a ária dos versos de Ossian, "Pourquoi me reveiller", doce e impetuosa ao mesmo tempo.

No mais, resta esperar que 84 a prefeitura deixe de filustrias e programe uma temporada de ópera digna do Municipal e da cidade.